

# A COIMBRA DE JOÃO PENHA: O CASO AMÉLIA JANNY

MARIA APARECIDA RIBEIRO\*

O mais conhecido fado de Coimbra fala em «lente», «amores», «doutores», e da lendária história de Inês. João Penha viveu numa cidade plena de tudo isso, como se pode ver em alguns de seus textos literários e na correspondência que trocou com seus contemporâneos, mas também nas páginas de *In Illo Tempore*, *De Capa e Batina*, *O Livro do Doutor Assis*, *Memórias do Mata-Carochas*. Trindade Coelho, Dom Tomás de Noronha, Alberto Costa, Antão de Vasconcelos, autores dessas memórias, não foram condiscípulos de Penha, mas servem de testemunho do que eram a Universidade e Coimbra naquele final de Oitocentos, porque, embora a tradição mude com os tempos, o processo é lento, e muitas dessas marcas, embora esbatidas, continuam ainda a ser as da Lusa Atenas em pleno século XXI.

Da paisagem da cidade, em geral, e de uma de suas lendas, em particular, dá-nos testemunho Antão de Vasconcelos, brasileiro, estudante de Direito, nas suas *Memórias*:

*É uma cidade de 20 a 30 mil almas, antiga, mal construída, com suas ruas estreitas, abundância de becos, vielas, tudo mal calçado, tosco, e desasseado.*

*Vista do Alto de Santa Clara, que lhe fica fronteira, é de um aspecto encantador, com seu poético Mondego a banhar-lhe os pés, sobressaindo no topo a Universidade sobranceira a tudo, com seus telhados seculares, quase a prumo, suas duas*

---

\* Universidade de Coimbra.

*torres, a do relógio, e sinos, e a do observatório. [...]*

*Na margem esquerda, [...], fica a Quinta das Lágrimas, ou das Canas, e a Fonte dos Amores, onde se deu a dolorosa tragédia da Inês de Castro ali apunhalada. [...]*

*Pouco distante da casa há um barranco cortado a prumo na aba do morro; entre esta e a casa há três vetustos cedros formando um triângulo isósceles: debaixo do que forma o vértice do triângulo, Inês de Castro recebeu as punhaladas, que lhe deram Coelho e Pacheco. [...]*

*No intervalo que separa os três cedros, há uma pedra redonda, escura [...]*

*A pedra ergue-se do chão, quando muito cerca de 5 centímetros, por onde deixa passar um fio tênue de límpida água, transparente, pura como um cristal e vem do interior da terra sem que aumente ou diminua o seu volume, por mais intensas que sejam as variações atmosféricas. Com este jorrozinho d'água sai da nascente uma madeixa loura de finíssimo limo, que flutua sobre a água, coleando com as ondulações da correntezinha. No fundo, sobre a areia, há pedrinhas, seixos todos eles com nódoas de verdadeiro sangue velho, que só desaparecem depois de muito friccionadas.*

*Com estes elementos, o povo formou a lenda da quinta, que é bela e tocante a mais não poder sê-lo<sup>1</sup>.*

Não ficam fora da descrição de Vasconcelos, feitas em vários momentos de suas *Memórias*, o aqueduto, onde está S. Sebastião, o Jardim Botânico, o convento das carmelitas, o Penedo da Saudade, «ponto de seleção dos Estudantes, sobretudo na Primavera, nas noites de luar»<sup>2</sup>, a Alta, onde moravam os estudantes, a maior parte dos lentes, e alguns futricas, isto é, pessoas que não pertenciam à Academia.

Se esta era a paisagem geográfica, o que dizer da paisagem humana?

Começemos por falar dos lentes. Por exemplo, o Dr. Jardim, ou o Dr. Chaves, o Dr. Bernardo de Albuquerque, famoso pelo seu rigor («o cão da quinta», como o chamou Vitoriano Furtado Peres Galvão<sup>3</sup>), o Dr. Sanches da Gama, o Dr. Brito...

O Dr. António Jardim, conhecido como «o Velho», que foi um «magnífico lente»<sup>4</sup>, era tanoeiro. No entanto, com esforço e vontade, conseguiu doutorar-se em Direito e chegar a catedrático, sem nunca deixar o ofício (aliás, exercia os dois, pois, saindo das aulas, dirigia-se à oficina).

O Dr. Chaves era um «cronômetro de carne e osso»<sup>5</sup>. Trindade Coelho afirma que ele «nunca dera uma falta e só no verão saía a banhos até a Figueira» (local para onde, naquela época, em tempo de férias, iam quase todos os que moravam

<sup>1</sup> VASCONCELLOS, [s.d.]: 27-30.

<sup>2</sup> VASCONCELLOS, [s.d.]: 32.

<sup>3</sup> Cf. PEREIRA, *ed.*, 2015: vol. II, 232.

<sup>4</sup> VASCONCELLOS, [s.d.]: 223.

<sup>5</sup> COELHO, 1991: 130.

em Coimbra) e que «entrava nos Gerais pontualmente, como se tivesse dormido na Secretaria»<sup>6</sup>. Nas aulas,

*rapava dos apontamentos; e, durante três quartos de hora, nem mais um minuto nem menos um minuto, prelecionava, prelecionava — prelecionava sem despegar um segundo! Podia cair a torre da Universidade; podia Coimbra desabar de alto a baixo [...] Aos três quartos, nem mais um minuto nem menos um minuto, abria o Dr. Chaves a caderneta e chamava à lição quem lhe parecia. Assistia, como se nada fosse com ele, a um estenderete; e, cumprida essa obrigação como cumpria todas as outras — fleumaticamente —, levantava-se e ia-se embora, sempre no mesmo passo pausado*<sup>7</sup>.

O Doutor Sanches da Gama passava já no tempo de João Penha pelo maior gastrônomo da Universidade. Tinha o melhor cozinheiro, o apetite mais devorador e sabia comer, e fornecia sua despensa com produtos idos diretamente da Beira para sua despensa. De aparência jucunda, era exigente nas aulas, tendo ódio às dispensas. E porque ficou visivelmente aborrecido com o pedido de dispensa de um aluno, José Pinto da Mesquita Gouveia, este lhe fez o seguinte epigrama:

*Dizem que o Sanches embirra  
Que lhe vão pedir dispensa.  
Forte asneira!  
Imagina que lhe pedem  
A despensa  
Onde tem a salgadeira!*<sup>8</sup>

O Dr. Brito, Joaquim Maria Rodrigues de Brito, como diz o próprio João Penha, em nota à publicação dos versos («O Brito») que lhe dedica:

*transformava a sua aula de Filosofia do Direito, em de filosofia transcendental. Vivia-se ali fora do tempo e do espaço, no infinito. Antero de Quental, levado pelas vozes que a tal respeito corriam, foi ouvi-lo uma vez. Ao sair, a sua bela figura de eslavo revelava o íntimo bom humor de quem tinha passado alegremente algumas horas. Inútil é dizer que não voltou lá*<sup>9</sup>.

<sup>6</sup> COELHO, 1991: 130.

<sup>7</sup> COELHO, 1991: 130.

<sup>8</sup> NORONHA, 1928: 228.

<sup>9</sup> PENHA, 1905: 335-336.

O lente de Teologia, padre, o Dr. Vitorino, era conhecido como o Marmelada, porque, «quando uma coisa lhe saía bem, ele dizia: saiu doce como marmelada»<sup>10</sup>. O poeta João de Deus satirizou-o em «O pires de marmelada». E ainda havia o Dr. Pedro Augusto Monteiro Castelo Branco, lente de História e Princípios Gerais do Direito Português, conhecido entre os estudantes como Pedro Penedo da Rocha Calhau, a quem João Penha dedicou «O Fantasma» e, mais tarde, também ganhou versos de António Nobre, na «Carta a Manuel». Neles, exclamando «que feliz sou, bom velho, em estudar contigo!»<sup>11</sup>, chama-o também «Papão», recordando um Pedro que a ama invocava para fazê-lo calar e dormir<sup>12</sup>.

Mas, além dos lentes, na paisagem humana de Coimbra há que considerar os estudantes. Esses, fossem eles ursos, flautistas, novatos, caloiros, davam à cidade o seu aspecto jovial e brincalhão. Alguns ficaram célebres mais tarde nas letras nacionais e internacionais como Eça de Queirós, Antero de Quental, Guerra Junqueiro (este condiscípulo e amigo de João Penha), e o brasileiro Gonçalves Crespo. Outros conhecidos por episódios ou hábitos cômicos, como o Lereno, o Sopas de Leite, um rapaz de Trás-os-Montes, que só sabia declamar armando um cenário condizente com os versos a recitar; o Chateau, um Castelo Branco empregado dos Correios, pessoa de mais de 50 anos, que um dia resolvera formar-se em Direito e que logo às primeiras dificuldades desistiu do curso; ou o Dr. Sarmentoff, um estudante de apelido Sarmento, de dotes intelectuais fracos, mas ingênuo e pretensioso, a quem os colegas convenceram ser inteligentíssimo e preparado. E ainda os que ficaram guardados na memória da Coimbra oitocentista, como o Pad Zé<sup>13</sup>, cujas peripécias englobam até um cerco da polícia com uma fuga pelos telhados da cidade<sup>14</sup>. Como os lentes, também os estudantes recebiam alcunhas, como as acabadas de referir, e ainda outras: Silva Galego, ou seja, Manuel José da Silva Pereira, aluno de Medicina, excelente estudante e bom explicador, mas «muito franco, muito malcriado e muito bruto»<sup>15</sup>; Botija, que era António Rocha, estudante de Medicina e dono da república onde residiram Feto (Júlio César de Oliveira Graça) Bicanca (Álvaro Cardoso do Amaral) e Mata-Carochas (Antão de Vasconcelos, estudante brasileiro que cursou Direito, assim alcunhado por Maria Murcela, sua criada, a quem chamava sistematicamente para matar esse inseto, a respeito do qual ela lhe desfiara um rol de «lendas» e crendices em que o rapaz fingiu acreditar).

<sup>10</sup> VASCONCELLOS, [s.d.]: 157.

<sup>11</sup> NOBRE, 1968: 64.

<sup>12</sup> NOBRE, 1968: 63.

<sup>13</sup> Alberto Costa (1877-1908), natural da aldeia de Joanes (Fundão).

<sup>14</sup> A narração desse episódio aparece tanto em NORONHA, 1928 como em COSTA, 2002. No entanto, Alberto Costa, talvez por ser o protagonista, conta-o com menos exuberância e graça que D. Tomás de Noronha.

<sup>15</sup> VASCONCELLOS, [s.d.]: 44.

Além da Universidade, alcunhada de Dr. Assis<sup>16</sup>, e sua «cabra», nome dado ao sino, que marcava as horas de estudo e as horas de recolher, outros espaços não podem ser esquecidos, como os lugares de libação dos estudantes. Célebres foram a Virgínia das Canjas, a Isabelinha do Escabeche, o varão de Luxemburgo, a Tasca do Buraco, a taberna do Faria, a tasca do Damião, a Taberna da Ana da Venda, o Conselheiro Rodrigo, o botequim do Cebola, as Tias Camelas e o Homem do Gás. As Camelas eram assim chamadas porque suas proprietárias eram três irmãs, de apelido Camelo (era costume, na época e em certa região de Portugal, fazer a flexão de gênero em apelidos), todas com o nome de Maria, seguido de outro que as individualizava. Antônio Nobre celebrizou a taberna dessas Marias: «[...] A *Tasca das Camelas*/Para mim era um sonho, o céu cheio de estrelas:/Nossa Senhora a dar de ceiar aos estudantes/Por 6 e 5!»<sup>17</sup>. Penha se refere a uma das Camelas como «a mais ilustre artista culinária de seu tempo»<sup>18</sup>. Eça de Queirós recorda-as na *Correspondência de Fradique Mendes*, e Antão de Vasconcelos lembra-as nas suas *Memórias*. Diz ele que, quando um estudante perguntava quanto devia, uma delas respondia assim: «Filho, tu é que sabes; eu sei lá quanto comeste, nem quanto gastaste? Olha, dá para aí aquilo que entenderes que deves»<sup>19</sup>.

No Natal, quando das férias, os estudantes iam para suas aldeias ou reuniam-se em grupos; os restantes iam para as Camelas, onde se armava o presépio e a bacalhoada fazia as delícias dos rapazes, que levavam ramos de flores às donas da taberna e as carregavam em procissão «em cadeirinhas feitas com os braços»<sup>20</sup>. No Ano Novo, o local tornava a ser ponto de reunião dos estudantes, que, às 2 horas da manhã, partiam para fazer serenata no Penedo da Meditação e ali continuavam o banquete, com o vinho, as broas, o bacalhau e as sardinhas levadas das Camelas. Idas da Baixa compareciam também as tricanas e suas famílias, para ouvir a serenata e ver nascer o sol.

A tasca das Camelas recebe do Mata-Carochas a seguinte descrição:

*As mesas eram de pau; muito negras do tempo, já moles de humidade e o pó acumulado, servia de toalha; os bancos eram de 3 pés ou tripeças, muito parecidos com as mesas e sempre húmidos, pareciam chorar a sua desgraça; a frente da casa era adornada por um enorme ramo de loureiro e aos lados da entrada pela porta principal e única, como mostradores ou vitrinas, sobre dois caixões que em outro tempo tiveram orgulho das velas de sebo que os enchiam, dois alguidares de barro, contendo apetitoso acervo de sardinhas já fritas. Lá dentro, ao fundo, erguia-se o*

<sup>16</sup> COSTA, 2002: XIII.

<sup>17</sup> NOBRE, 1968: 61-62.

<sup>18</sup> PENHA, 1905: 174.

<sup>19</sup> VASCONCELLOS, [s.d.]: 289.

<sup>20</sup> VASCONCELLOS, [s.d.]: 292.

*fogão onde estourava a gordura e chiavam as sardinhas manipuladas pelas mãos hábeis da Tia Maria Camela [...]*<sup>21</sup>.

Já a taberna do Homem do Gás surge nas páginas de João Penha como um estabelecimento existente no largo das Olarias, pertencente ao «ilustre Campos»<sup>22</sup>, «onde se vendia sumo de uva sem vitualhas». Dividia-se em duas partes «distintas e separadas»:

*Numa, uma vasta quadra, com mesa de castanho ao centro e um bico de gás por cima, só eram admitidos estudantes, quase sempre os mesmos, porque, pela sua categoria académica, pelo seu renome, e medo que inspiravam, afastavam os outros; a exposição ao consumo público era na outra, mas essa mesma era frequentada por homens distintos ou conhecidos, como o Martins de Carvalho, redator do Conimbricense, o Anastácio, do Brás Tisana, o Herculano Santa Bárbara, um dos primeiros tacos da província, o Galeão, que fazia barba tesa ao Gargântua de Rabelais, o tenor Portugal, que por vezes fazia ouvir algumas árias do seu repertório, pouco seletos, e diversos outros. Essas duas seções nunca se comunicavam, mas Campos, que todos respeitavam pelas suas belas qualidades e pela sua força hercúlea, permitia às vezes à segunda que, pela entreaberta porta divisória, ouvisse as terríveis discussões da primeira*<sup>23</sup>.

Tais discussões, que giravam sobre os mais diferentes assuntos, eram gosto comum entre os estudantes. Em «Orgia», Penha narra uma acirrada e curiosíssima de que participaram ele próprio, Guerra Junqueiro, Eça de Queirós, Bernardino Machado e Gonçalves Crespo<sup>24</sup>.

Outra diversão estudantil era a Festa das Latas, aquela «inferneira», como lhe classificou Trindade Coelho<sup>25</sup>, que uma vez obrigou a fugir um turista, a berrar, chamando todos de doidos<sup>26</sup>. Vale a pena ler parte da introdução do programa de uma dessas Latadas, feito por um aluno de Direito:

<sup>21</sup> VASCONCELLOS, [s.d.]: 288.

<sup>22</sup> Quando faleceu este Campos, o Homem do Gás, depois da formatura de João Penha, este dedicou-lhe os seguintes versos, que Gonçalves Crespo pulicou na «Renascença»: «Ei-lo aqui jaz, aqui jaz/Nesta humilde campa fria/O nosso velho rapaz!/Deus em sua glória o tenha!/Era ele quem acendia/Inspirações em João Penha!/Deus em sua glória o tenha!/Nesta humilde campa fria/Ei-lo aqui jaz, aqui jaz!» (CRESPINO, 1878: 60).

<sup>23</sup> PENHA, 1914: 159.

<sup>24</sup> PENHA, 1899: 167-180.

<sup>25</sup> COELHO, 1991: 7.

<sup>26</sup> COELHO, 1991: 8.

## AU LATES, CITOYENS!

(Epistola ad Juristas)

*Eu, D. Chinfrim-Banzé, por graça da rapaziada amiga e de sua Majestade Imperial a Arruaça [...]*

*Considerando que deve ser para nós de supremo, supino e desenfreado júbi-lo o glorioso dia de 20 de maio, consagrado a ser o fecho, o ponto final da nossa árdua peregrinação através dos livros e dos Gerias, podendo alfim descansar no oásis suavíssimo das férias;*

*Considerando que para nós emudeceram os sons horríssonos da Cabra, essa fúria metálica que a mão grifenha do Demónio arrancou do mais profundo das profundas do Inferno para nossa constante tortura [...]*<sup>27</sup>

Outra festa comemorada em Coimbra era o São João. Havia as da Baixa no Terreiro da Erva, São Bartolomeu, Portagem... e as da Alta, como a do Castelo, a que compareciam a estudantada boêmia, as tricanas e as jovens criadas dos estudantes, além de outros moradores. Isso para não falar nas festas da Rainha Santa, que incluíam até passeio fluvial, ou nas do Divino Espírito Santo, em Eiras, situada nos arredores de Coimbra.

Mas a festa, o folguedo, a orgia não eram tudo; havia que estudar. A conhecida canção avisando «Afonso» «que o ano arrebenta», manda-o olhar... «a sebenta». Essa era uma «folhinha escrita e litografada, formato 8.º, que saía todos os dias compendiando a explicação do lente»<sup>28</sup> e permitia aos estudantes fazer de tudo durante as aulas — de escrever versos a dormir — ao invés de prestar atenção e tirar apontamentos. Tinha esse nome porque o processo de litografar empregava sebo. Escrita e comercializada pelos próprios estudantes, cada sebenta custava, no tempo de Trindade Coelho, sete tostões por mês e tinha oito páginas. Alguns professores chegavam mesmo a fornecer os apontamentos ao sebenteiro ou a «escrevê-la *ipsi verbis*». Exemplares houve que continham na última página caricaturas, piadas, versos para o fado, convocações aos discípulos, «para *troupes* aos caloiros ou outras pândegas»<sup>29</sup>. João Penha foi dos que publicou versos nas últimas páginas das sebentas: dava-lhes feição de periódico. Intitulou-os «Zabumba» e «Gaita de Foles» e assinava as composições com nomes de poetas famosos: Bernardes, Filinto, Bocage, Garção, P.º Agostinho de Macedo, Bernardim Ribeiro... Isso para não falar no subtítulo do «Zabumba» que, fazendo um certo *suspense*, chegou a ser assim apresentado: «Diário de poesia a todo transe dizendo o poeta... de nome... Camões (n.º 2)»<sup>30</sup>. Nos versos estampados nes-

<sup>27</sup> COELHO, 1991: 8.

<sup>28</sup> COELHO, 1991: 108.

<sup>29</sup> COELHO, 1991: 108.

<sup>30</sup> PENHA, 1871a: 465.

se periódico, cujo preço da assinatura era «por um mês... meia dúzia de asneiras», «pago adiantado, porque o Zabumba não tem outros recursos para viver»<sup>31</sup>, Penha podia elogiar os colegas, como fez com Guerra Junqueiro:

*O Junqueiro, o nosso poeta,  
Deu-nos a todos no goto:  
Que será a rã completa<sup>32</sup>,  
Sendo a larva um tal cagoto [?]  
Filinto<sup>33</sup>*

ou satirizá-los, como aconteceu com Bernardo de Albuquerque, também aluno de Direito:

*PREGÃO  
Bradava um homem na feira<sup>34</sup>:  
— Há por aí alguém que merque  
Vassoiras da bigodeira  
Do Bernardo d'Albuquerque?  
Camões do Rocio<sup>35</sup>*

A sebenta chegou a ter comemorado, em 1899, o seu centenário. Para a ocasião foi escrito o *Auto da Sebenta*, compostos o «Hino da Sebenta» e o «Fado da Sebenta», cuja letra é de Afonso Lopes Vieira<sup>36</sup>, além de bailados, produzidos por D. Tomás de Noronha.

Nem tudo, porém, eram amenidades; havia brincadeiras violentas dentro e fora da Academia, como as troças e o Carnaval. Em Coimbra, a memória do Mata-Carochas, registra essa festa popular com as seguintes palavras:

<sup>31</sup> PENHA, 1871a: 465.

<sup>32</sup> O poeta, de acordo com os códigos de comicidade da época, acrescenta aqui o seguinte: «nota para os eruditos: A rã não é mais que o desenvolvimento do peixe cagoto. A este também alguns sábios chamam peixe cabeçudo» (PENHA, 1871b: 473).

<sup>33</sup> PENHA, 1871b: 47.

<sup>34</sup> PEREIRA, *ed.*, 2015: vol. III, 253 lê esta palavra como leira. Na edição litografada do manuscrito por nós consultada, porém, a palavra é, claramente, «feira».

<sup>35</sup> Penha junta ao poema a seguinte nota: «Este Albuquerque não é o digno lente de D.º Romano, mas o estudante do 3.º ano jurídico. Uma cousa é Napoleão 1.º outra Napoleão 3.º».

<sup>36</sup> «Quando nasceu a sebenta/não veio só de uma vez/Nasceu às oito e quarenta/E o resto saiu às dez.//As belas cantigas minhas/Desta festa sebenteira/Aprendi-as nas cozinhas/Fê-las o Marco da Feira.//Rapazes e raparigas/pela noite luarenta/em vez de cantar cantigas/Cantem coisas da sebenta.//À sebenta, ó Portugal/Levanta uma estátua um dia/e põe-lhe por pedestal/Pedras de litografia...//Quando morreres, Manuel,/Ao deixares a terra, enfim,/Na tua cova hei de por/um epitáfio assim://Aqui jaz Manuel das Barbas;/Trabalhou muito e bebeu.../Litografava sebatas./Mas foi feliz:/Nunca as leu.»

*de uma brutalidade inconcebível durante as tardes, embora à noite sejam brilhantes os bailes e haja coisas de muito espírito. Jogava-se então o entrudo com limões de cera, que partiam vidros, cabeças e cegavam; com laranjas verdes, ovos, vermelhão, fundo de panela e pó de sapateiro*<sup>37</sup>.

Quanto às troças havia: o grau, que tinha por cenário uma sala forrada de negro, com caveiras, caixão de defunto e outros elementos tétricos, mas que era raro e aplicado aos calouros «insolentes, atrevidos ou que tivessem obedecido e injuriado a qualquer veterano»<sup>38</sup>; as que punham o calouro no meio de uma roda a cantar e dançar, cortando-lhe o cabelo; a da Porta Férrea, no dia da abertura das aulas, de grande brutalidade, conhecida por «pega de cara»; e a «pega de rabo», a segunda tourada, no fim do ano letivo.

Mas a par dessa Coimbra de festas e brutalidade, havia uma Coimbra literária que poetava a sério, discutia literatura, ia a teatros, criava jornais e neles colaborava. São de recordar a Questão Coimbrã, cujos ecos ainda eram de notar nos primeiros anos de João Penha na cidade, e o periódico «A Folha», que ele criou<sup>39</sup>, e que foi elogiado pelo escritor brasileiro José de Alencar como «o jornal literário mais bem escrito que há aí em Portugal», solicitando lhe fossem enviados «todos os números desde o primeiro»<sup>40</sup>.

Do que se disse até aqui, parece que, fora as Tias Camelas, a Maria Murcela, a Eufémia, que foi criada de D. Thomaz de Noronha, as Seixas, que hospedaram João Penha e Gonçalves Crespo, em Coimbra não havia mulheres cujo nome merecesse figurar nas memórias dos estudantes. De fato, são poucas as referidas nos textos por nós compulsados e todas elas mulheres do povo: trabalhavam nas tascas, eram senhorias dos estudantes, ou criadas deles... No entanto, havia mulheres que iam ao teatro, como se pode ver pelos jornais da época. Entre essas, um nome hoje esquecido, mas famoso na época de Penha, sua vizinha na Couraça de Lisboa, colaboradora assídua de vários periódicos: Amélia Janny (1841-1914).

Fruto dos amores de um estudante de Direito, mais tarde lente da Universidade, o Dr. António José Marques Correia Caldeira, com Maria Herculana da Silva Veiga, Amélia Janny acaba por crescer em meio acadêmico, já que sua mãe se casou posteriormente com um outro estudante, Raimundo Francisco da Gama, que acabou por formar-se em Medicina e ser lente de Anatomia Humana Descritiva na Universidade de Coimbra.

Com versos publicados, aos dezesseis anos, no «Lis» e no «Cisne do Mondego», Amélia Janny teve a sua consagração pública aos vinte anos, em Coimbra, no sarau literário ocorrido no Teatro Acadêmico e presidido por Castilho em 1862. Aí, ao lado de Ante-

<sup>37</sup> VASCONCELOS, [s.d.]: 85.

<sup>38</sup> VASCONCELOS, [s.d.]: 51-52.

<sup>39</sup> Publicado entre dezembro de 1869 e abril de 1873.

<sup>40</sup> ALENCAR, José de — [Carta] 1868-1873

ro de Quental, Teófilo Braga, Guerra Junqueiro, ela declamou versos seus, de tal maneira que Castilho registrou a impressão que lhe causaram na «Conversação Preambular», que assina em *D. Jaime ou a Dominação de Castela*, de Tomás Ribeiro:

*Como que simbolizando a musa do Mondego, uma gentil poetisa veio, nova Safo, merecer neste certame coroa de louros e murta!*

*Ditosa filha de Coimbra! Com teus ditosos vinte anos em flor; com tua voz suave e tímida como o aroma exalado da tua alma!*

*Amélia Janny<sup>41</sup>! Perdoa-me, se hoje, diante do maior público, te renovo os meus aplausos<sup>42</sup>.*

Mas, apesar da produção intensa e de representar um caso único em Coimbra, Janny parece ter sido apagada das memórias escritas pelos ex-estudantes da Universidade. Ninguém a recorda como poetisa (e haja vista que muitos versos escreveu para festas da cidade e para as despedidas estudantis). João Jardim de Vilhena, embora lhe pinte uma alma terna, mas bastante contida, não fala de seus versos<sup>43</sup>. Só Tomás de Noronha, sempre crítico, e que a desenha como um temperamento um tanto rígido e difícil, embora «pessoa agradável e amiga de exercer influência junto aos lentes, a favor de quem lha solicitasse», afirma serem seus versos «reflexo do lirismo suave daqueles tempos em que se punha rima mal metrificada aquilo que, por precário de sentido, não cabia em prosa. Fora sempre sentimental e fácil a sua musa»<sup>44</sup>.

Nº «A Folha», até 1870, só Mariana Angélica de Andrade havia colaborado. E apesar dos elogios feitos no *Expediente* do n.º 2, da 3.ª série, 1871, equiparando-a a Maria Angélica e a Maria Amália Vaz de Carvalho<sup>45</sup>, e da reiteração dos elogios, assinada, num outro número, por Cândido de Figueiredo<sup>46</sup>, a «Nova Safo» só irá surgir como colaboradora uma única vez, no número 8 da 3.ª série, de 1871, com o poema

<sup>41</sup> Por engano do tipógrafo ou do próprio Castilho, o nome da «nova Safo», vem grafado Geni.

<sup>42</sup> CASTILHO, 1868: LXXXII.

<sup>43</sup> VILHENA, 1968: 5-14.

<sup>44</sup> NORONHA, 1928: 179-198.

<sup>45</sup> «D. Mariana, D. Amalia Vaz, e Janny, são as três musas a quem no íngreme estádio das letras poderá ser dado o pleitear preferências. [...] «A Guerra» é um canto enérgico, que tanto mais espanta, quanto é raro um tom solene e grave em lábios de senhora. O murmurar suave do gorgoejo dos rouxinóis é como que o tema único das inspirações femininas. Janny, porém, o elegante soprano de primo-cartelo que tanto admiramos, apresenta-se nos hoje sob o aspecto dum contralto *virtuose*. Aplaudamos a ária, e enviemos à gentil cantora um singelo ramo de camélias» («A Folha», 1871: 16).

<sup>46</sup> ««Guerra» de Amélia Janny, já neste periódico foi saudada [...]. Cumprimos, todavia, um dever, agradecendo por nossa vez a preciosa oferta, e casando os nossos prolaças aos parabéns [...]. Da leitura da «Guerra» depreende-se que a alma da autora não é esquivada aos grandes entusiasmos que agitam a jovem Europa, e que não se dedigna de fazer coro com os apóstolos mais ousados da paz e da fraternidade universal. A guerra, com todo o seu cortejo de horrores, está ali descrita em traços vigorosos. O pincel parece guiado por mão varonil; e, ao admirarmos o quadro, detestamos o original — a Guerra [...]» (FIGUEIREDO, 1871: 31).

«O Suspiro»<sup>47</sup>. E assim mesmo, talvez porque se tenha insinuado como colaboradora, como se depreende da seguinte carta, endereçada a João Penha e datada de 25 de abril de 1871:

*Exmo. Sr.*

*Como se não fora suficiente o seu talento para excitar a minha admiração, tem-me V. Ex<sup>a</sup> confundido com a sua delicadeza, enviando-me a — Folha — sem que eu nunca lhe manifestasse a minha gratidão por tão grande fineza. Mas que poderia eu, insignificante metrificadora, oferecer para um jornal, onde se lêem poesias cujo pensamento e forma são um verdadeiro primor? Desculpe-me pois, o meu orgulho, em atenção à franqueza com que lhe confesso a minha pequenez. Os versos que remeto, e a que V. Ex<sup>a</sup> dará o destino que eles merecem, — o esquecimento — são apenas um sinal de reconhecimento, em que espero, acreditará. Lance-os no limbo; mas não os embrulhe na consideração e na estima com que ousa assinar-se,*

*de*

*V. Ex<sup>a</sup>*

*Veneradora gratíssima*

*a*

*Amélia Janny*<sup>48</sup>

Concordaria João Penha com a opinião de Amélia Janny, achando-a também ele uma «insignificante metrificadora», como diz ela própria, na carta citada acima e, por isso, não lhe teria solicitado mais colaboração para o seu jornal? Seria também por essa razão que ela não ficou na memória dos estudantes, que mesmo dos colegas só recordaram os versos pândegos?

## BIBLIOGRAFIA

«A FOLHA (Microcosmo Litterário)», 3.<sup>a</sup> série, n.º 2. Coimbra: [s.n.], 1871.

ALENCAR, José de — [Carta] 1868-1873, Rio de Janeiro [a] João Penha [Manuscrito]. Acessível em Biblioteca Pública Municipal do Porto, Espólio de Antero de Figueiredo. M-AF-41-22.

CASTILHO, António Feliciano de (1868) — *Conversação preambular*. In RIBEIRO, Thomaz — *D. Jayme*. 3.<sup>a</sup> ed., correcta. Porto: Viúva Moré Editora.

COELHO, Trindade (1991) — *In Illo Tempore*. Lisboa: Círculo de Leitores.

<sup>47</sup> JANNY, 1871: 58.

<sup>48</sup> JANNY, Amélia. Carta para João Penha. BPMP — Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-12-29.

- COSTA, Alberto (ex-Pad Zé) (2002) — *O Livro do Doutor Assis. Pensamentos, conceitos, anedoctas, larachas, chalaças, subtilizas, facecias, dictos de espirito, calembourgs e charadas.* (ed. fac-similada). Coimbra: Minerva.
- CRESPO, Gonçalves (1878) — *João Penha.* «A Renascença: Órgão dos Trabalhadores da Geração Moderna», fasc. IV. Porto: Imprensa Portuguesa. Dir. Joaquim d'Araujo.
- FIGUEIREDO, Cândido de (1871) — *Factos Litterarios.* «A Folha» (Microcosmo Litterario), 3.<sup>a</sup> série, n.º 4, p. 31
- JANNY, Amélia (1871) — *O suspiro.* «A Folha» (Microcosmo Literário). Coimbra: Imprensa da Universidade, 3.<sup>a</sup> série, n.º 8, p. 58.
- \_\_\_\_ [s.d.] — [Carta] 1871 abr. 25, Coimbra [a] João Penha [Manuscrito]. Acessível em Biblioteca Pública Municipal do Porto, Espólio de Antero de Figueiredo. M-AF-12-29.
- NOBRE, António (1968) — *Só.* Porto: Livraria Tavares Martins.
- NORONHA, D. Thomaz de (1928) — *De Capa e Batina.* Lisboa: J. Rodrigues & Cia.
- PENHA, João (1871a) — *O Zabumba. Diário de poesia a todo transe*, n.ºs 1 e 2. In «Direito Civil», 3.º ano, Lição 56, 5.<sup>a</sup> do último mês. Coimbra.
- \_\_\_\_ (1871b) — *O Zabumba. Diário de poesia a todo transe*, n.ºs 3 e 4. In «Direito Civil», 3.º ano, Lição 57, 6.<sup>a</sup> do último mês. Coimbra.
- \_\_\_\_ (1899) — *Por montes e valles: prosa, com um prefácio e notas.* Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão.
- \_\_\_\_ (1905) — *Novas Rimas.* Coimbra: França Amado.
- \_\_\_\_ (1914) — *Ecos do Passado.* Porto: Companhia Portuguesa Editora.
- PEREIRA, Elsa (2015) — *Obras de João Penha.* Edição crítica e estudo. Porto: CITCEM, 5v.
- PIMENTEL, Alberto (1893) — *Poetas do Minho: João Penha.* Braga: Livraria Escolar de Cruz & C. Editores.
- VASCONCELOS, Dr. Antão de [s/d.] — *Memórias do Mata-Carochas.* In *Meo tempore.* Porto: Empreza Literária e Typographica - Editora.
- VILHENA, Jardim de (1968) — *Uma página das minhas memórias... Amélia Janny.* «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra». Coimbra: Coimbra Editora, v. XXV, p. 5-14.